



7º Encontro Internacional de Política Social 14º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Contrarreformas ou Revolução: respostas ao
capitalismo em crise

Vitória (ES, Brasil), 3 a 6 de junho de 2019

Eixo: Serviço social: fundamentos, formação e trabalho profissional.

Serviço Social e arte: possibilidades e desafios da intervenção profissional

Patrícia Krieger Grossi¹
Eliane Moreira de Almeida²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo estabelecer mediação entre a arte como instrumento e matéria-prima, no trabalho do assistente social, exemplificando sua utilização no âmbito das medidas socioeducativas com adolescentes em privação de liberdade. Compreende a arte e sua função social, assim como contextualiza o Serviço Social e sua instrumentalidade e como ambos podem se relacionar a fim de fortalecer o exercício profissional.

Palavras-chave: Serviço Social; arte; instrumentalidade; adolescentes; medidas socioeducativas.

Social work and art: possibilities and challenges of professional intervention

Abstract

The present work aims to establish a mediation between art as an instrument and raw material, in the work of the social worker, exemplifying its use in the scope of socio-educational measures with adolescents in privation of liberty. It understands art and its social function, as well as contextualize Social Work and its instrumentality, and how both can relate to each other in order to strengthen professional practice.

Keywords: Social Work; art; instrumentality; adolescents; educational measures.

Introdução

O presente artigo busca refletir sobre a relevância da cultura e da arte e a relação destas na sociedade, dando enfoque ao que esta representa para os adolescentes, em especial, adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, e de como o assistente social pode se utilizar da arte enquanto instrumento e matéria-prima nos seus processos de trabalho.

Parte-se do histórico da cultura e da arte, seus conceitos e suas contradições, buscando compreender sua função social e as transformações que sofreu ao longo do tempo e de que forma é capturada pela sociedade capitalista.

Posterior a isso, busca-se apreender, o que representa a arte para os adolescentes, as possibilidades de resistência a partir dessa, assim como o motivo para a

¹ Ph.D. em Serviço Social pela Faculty of Social Work, University of Toronto. Professora do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI). Pesquisadora Produtividade do CNPq 1C. E-mail: <pkgrossi@puers.br>.

² Assistente Social. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGSS/PUCRS). Bolsista do CNPq. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI). E-mail: <eliane.almeida@acad.puers.br>.

criminalização de certas expressões artísticas. Esse movimento analítico tem como intuito pensar e tomar a arte como matéria-prima e instrumento do trabalho do assistente social, especificamente no que se refere a inserção desse profissional no âmbito das medidas socioeducativas, sem perder de vista que a arte não se limita apenas ao trabalho com adolescentes, podendo o assistente social tomá-la como instrumento, em qualquer que seja, seu campo de intervenção profissional, desde que munido de intencionalidade em consonância com o projeto ético-político da profissão.

A arte na sociedade capitalista: contradições e possibilidades

A compreensão da arte, e todos os elementos que estão relacionados a essa dimensão humana precisa necessariamente, ser mediada com a categoria cultura, em seus múltiplos e contraditórios significados. A palavra cultura, vinda de verbo *colere*, significa cultivar, criar, dentre outros significados, faz referência a interação do homem com a natureza, à educação direcionadas ao aprimoramento de qualidades e técnicas do ser humano (CHAUÍ, 2002).

A cultura é tida como condicionante da visão de mundo do homem, uma vez que influencia padrões socialmente aceitos e discrimina aqueles que são contrários. Ela é o resultado de uma construção histórica permeada por diversas expressões (LARAIA, 2001), ela se manifesta de diversas formas e por meio de inúmeras expressões artísticas.

Diante disso, na sociedade capitalista atual, percebe-se o direcionamento para a padronização da cultura, fomentada a partir da década de cinquenta, quando se propagou o *american way of life*, onde foram impostos “valores especificamente norte-americanos a povos de distintas tradições culturais” (NETTO; BRAZ, 2006, p.199), uma vez que o sistema capitalista se mundializava e tinha suas bases hegemônicas nos Estados Unidos.

Dada a perspectiva de padronização, Adorno e Horkheimer (1985) denominam a forma com que o capitalismo produz ou se apropria da cultura para intensificar o consumo, de indústria cultural, os autores pontuam como a cultura na sociedade capitalista foi transformada em “uma grande força capaz de transmutar a arte em qualquer mercadoria” (SANTOS, 2014, p.26) e ampliar os processos de alienação e manipulação, se mostrando como um mecanismo poderoso a serviço do capital.

Assim, partimos do pressuposto de que a arte é uma expressão cultural, uma vez que, é um instrumento de criação e transformação da natureza pelo homem, a partir

da realidade por este vivenciada, e pode representar significados diferentes de acordo com a cultura e a época na qual se desenvolve e a qual retrata.

Segundo Duarte Júnior (1994, p. 136), “a arte está com o homem desde que este existe no mundo, ela foi tudo o que restou das culturas pré-históricas”, em referência as pinturas rupestres que resistiram ao tempo e que contam a história da época. Ernst Fischer no livro “A necessidade da arte” (1971) pontua, que a arte sempre foi uma produção coletiva, pois se originou de uma necessidade coletiva, da busca humana por um tipo de transcendência, ser parte de um todo, e a arte seria “o meio indispensável para essa união do indivíduo com o todo; reflete a capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias” (FISCHER, 1971, p.13).

Cabe também a arte, a função de romper com os processos de alienação – provocados pelo sistema vigente – de modo a mostrar a realidade social em suas contradições, injustiças e mecanismos de aprisionamento condicionantes a essa lógica (FISCHER, 1971). Nesse sentido, Lukács (1968) complementa, que a arte deve contribuir para a transformação social, deve ser um instrumento de luta pela emancipação dos sujeitos, pois “a tarefa exclusiva da arte é a de tomar posição nas lutas do tempo, da sociedade, das classes sociais” (LUKÁCS, 1968, p.256), sendo a arte um importante instrumento que possibilita mudanças na forma da humanidade ver e pensar o mundo.

Diante do exposto, compreende-se que a arte possui um papel fundamental no desenvolvimento coletivo da humanidade, através de seus mecanismos que propiciam uma nova apreensão da realidade e assim, possibilidades para sua transformação.

Por isso, é importante deixar claro, que a arte se manifesta em uma extensa gama de expressões, são alguns exemplos: a literatura, pintura, escultura, fotografia, música, teatro, cinema e dança. E, em suas diferentes representações, ela retrata o meio do ser humano se expressar, além de representar formas de resistência.

[...] a arte é percebida pelos sentidos; entre cores, tons, sons e cenários, ela é vivenciada pelos sujeitos em suas experiências singulares e coletivas, convocando pensamentos, sendo o pensamento crítico a tônica da ação. E ação pode provocar transformações (SCHERER, 2016, p.52).

Na história brasileira, a arte esteve presente em diversos momentos, um exemplo disso, é que na época da ditadura militar, iniciada em 1964, compositores

como Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil utilizavam suas canções para demonstrarem a realidade e as perspectivas de futuro. Onde as composições questionavam a conjuntura arbitrária da época e se colocavam como uma manifestação de resistência às práticas autoritaristas empregadas, ainda que geralmente de forma sutil, dadas as práticas repressivas da época. A então chamada Música Popular Brasileira (MPB) passou a servir como uma forma popular para a discussão política e expressão do sentimento de indignação pelas violações de direitos perpetradas no país (SOUZA; PEREIRA, 2013).

Nesse sentido, assim como a música, o teatro também pode se apresentar como um importante elemento de transformação, no sentido de sensibilizar o indivíduo acerca de sua própria subjetividade e seu espaço na sociedade, contribuindo com uma percepção mais crítica do todo que o envolve, criando possibilidades para sua superação (AYRES, 2007).

Esses são apenas alguns exemplos das potencialidades transformadoras da arte, em diversas das suas expressões, sem perder de vista, que ela, enquanto uma forma de manifestação da cultura, encontra diversos limites na sociedade capitalista, uma vez que é capturada por essa como mercadoria, “tal como a moeda, que não denuncia o que nela se transformou, assim, tudo, mercadoria ou não, se transforma em moeda. Não há nada que não se torne venal que não seja objeto de compra ou venda” (MARX; ENGELS, 1974, p.58), demonstrando a lógica da mercantilização capitalista, onde tudo se torna objeto de exploração visando o lucro, no que o artista é “transformado em um produtor de mercadorias” (FISCHER, 1971, p.59), as quais já não pertencem mais a ele. Pois, a arte na sociedade capitalista existe em meio a contradição – ao mesmo tempo, que ela carrega potencialidades de despertar crítico, ela também é reduzida como uma mera mercadoria – alienada e externa ao ser humano.

Assim, diante do que foi apresentado até aqui, considera-se que a arte possui um papel fundamental na natureza humana, assim como na sociedade – em qualquer época desta – e que no movimento do real ela assume papéis distintos, que coexistem no mesmo tempo e espaço, ora segregando ainda mais a sociedade de classes, ora se pondo como resistência a esta. Pois a própria tensão entre as classes antagônicas, contém em si o potencial de impulsionar à transformação dessa realidade, na perspectiva de que esse conflito contém a força motriz para movimentar mudanças políticas, culturais e sociais, através do embate entre visões ideológicas de mundo (COSTA, 2011).

E, a arte pode ser um instrumento facilitador dessa transformação, sendo fiel à sua função de mostrar o real em todas as suas camadas e facetas, mas também “mostrar o mundo como passível de ser mudado e ajudar a muda-lo” (FISCHER, 1971, p.58). Constitui-se como uma forma de se opor aos processos de alienação e fragmentação provocados pelo modo de produção do sistema capitalista.

Mediações entre adolescência e arte

A adolescência, de certa forma ainda é uma esfinge, a qual seu segredo não foi inteiramente revelado, pois sob o ponto de vista legislativo, da forma como se apresenta no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), ela compreende basicamente uma faixa etária, dos 12 anos aos 18, na qual o indivíduo é considerado adolescente e pessoa em desenvolvimento.

As discussões sobre adolescência ganham mais destaque do ponto de vista da biologia e da psicologia, referente as mudanças corporais, questões hormonais decorrentes dessa fase da vida humana (LIMA, 2012), comumente também é vista como uma fase de revolta e rebeldia, na qual o adolescente está se reconhecendo, enquanto agente social. (KOSHINO, 2011).

Lima e Veronese (2008) entendem que, o estado da adolescência transita entre a infância e a fase adulta, assim caracterizando-se como uma busca de autonomia, liberdade. Nesse sentido, pontua-se, a necessidade de refletir sobre a adolescência de forma que englobe todas as dimensões da vida, sejam elas biológicas, psicológicas ou sociais, pois é a relação intrínseca dessas dimensões, que atuarão no desenvolvimento do indivíduo. E durante esse desenvolvimento é preciso levar em conta a subjetividade de cada um, contextualizada na realidade social em que o adolescente está inserido, sem descola-la de um complexo social, que é a sociedade capitalista, para que não se caia em um discurso naturalizante, como se a adolescência apresentasse as mesmas características para todos, ou estigmatizante, vista como uma fase negativa (AZEVEDO, 2015).

Adotando a perspectiva do desenvolvimento do indivíduo no período que compreende a adolescência, percebe-se que a arte representa um papel de grande importância a este segmento, pois potencializa essa formação e permite criar mecanismos de transformação da realidade vivenciada. Nessa perspectiva, uma importante expressão artística é a música, que “constitui-se uma maneira de

identificação e expressão daquilo que se acredita, sendo de vital importância, principalmente na vida dos jovens e adolescentes que estão em busca de afirmação de suas identidades” (MARCELINO, 2015, p.51) capaz de dar vazão às emoções, como também o desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica, que como já citado pode ser utilizada como instrumento de resistência, para dar voz aos sujeitos e segmentos invisibilizados.

Compreendendo o sujeito como constituído e constituinte do contexto social no qual está inserido, é possível qualificar a música como uma forma de comunicação, de linguagem, pois por meio do significado que ela carrega e da relação com o contexto social no qual está inserida, ela possibilita aos sujeitos a construção de múltiplos sentidos singulares e coletivos (MAHEIRIE, 2003, p. 148).

É importante pontuar que para alguns segmentos específicos, alguns estilos musicais se sobrepõem a outros, geralmente adolescentes de regiões periféricas, se identificam mais com o rap, o funk e o hip hop, pois nesses estilos encontram vazão ao que vivenciam e sentem. A preferência por esses estilos, por si só já sofre estigmas, pois os fãs, pelo senso comum “são classificados como bandidos, marginais” (DABLES, 2012, p.39). Essas concepções errôneas caminham para um viés criminalizante. Um exemplo disso ocorreu no ano de 2017, pois houve uma ideia legislativa, que pretendia criminalizar o funk, tendo mais de vinte mil apoiadores e foi transformada em sugestão de lei, sendo rejeitada pela Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado (CDH), por atentar contra as garantias constitucionais.

Nesse fato, percebe-se que essa criminalização está mais ligada com o que representam e quem as representa, do que as expressões artísticas em si, pois significam uma manifestação de resistência das classes submetidas aos processos de subalternidade, elas expressam a cultura – não a hegemônica da classe dominante – que vivenciam e expõem as desigualdades geradas pelo modo de produção vigente (MARCELINO, 2015).

E justamente por irem em um movimento contra hegemônico, é que são constantemente atacadas, como tentativa de silenciá-las. Para a classe dominante “tudo o que os jovens pobres questionam e produzem irreverentemente, aqui e alhures, e a tudo o que reagem é concebido, invariavelmente, como violência” (SALES, 2004, p.107).

Para os adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de internação, o PEMSEIS, documento que norteia as ações a execução das medidas socioeducativas no Rio Grande do Sul, dispõe sobre o direito a cultura, esta entendida como “todas as manifestações artísticas e intelectuais que vão se estabelecendo ao longo do tempo e de forma coletiva” (BRASIL, 2014, p.46) se propondo a ser um instrumento que proporcione a elevação da autoestima, que contribua com ações baseadas em perspectivas emancipatórias, onde esses adolescentes possam assumir papéis de protagonismo, e que se vejam e se reconheçam enquanto cidadãos (BRASIL, 2014).

Nessa perspectiva, o presente trabalho, reconhecendo os limites e entraves da arte, e suas possibilidades transformadoras na sociedade do capital, objetiva contribuir para “o fortalecimento da grande arte, da arte com as suas potencialidades criativas de fomentar o pensamento crítico” (SCHERER, 2016, p.68) através da apropriação dessa pelo assistente social, principalmente no que tange os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de internação.

Serviço Social e arte: perspectivas e desafios da intervenção profissional

O Serviço Social brasileiro comemorou em 2016 seus oitenta anos, tendo sua trajetória marcada por lutas, retrocessos, avanços e desafios. A década de oitenta foi muito representativa para a categoria, pois houveram mudanças significativas na concepção da profissão, impulsionadas pela ampla mobilização da sociedade na luta pela democracia, que propiciaram a reorientação da profissão, que foi coletivamente discutida e construída (IAMAMOTO, 2012). Esse período é definido por Netto (2011), como a intenção de ruptura da profissão com suas bases moralmente conservadoras. É nessa época também, que a profissão tem seu referencial teórico-metodológico fortalecido, pautado no materialismo histórico e seu método dialético-crítico, tornando a perspectiva marxista hegemônica na profissão (PAIVA; HILLESHEIM, 2016).

Assim, a profissão se apresenta de modo a interagir na produção e na reprodução das relações sociais. Nesse sentido, Yazbek (2009) assinala que a reprodução das relações sociais é a reprodução da totalidade da vida social: material e espiritual. E por isso, é de extrema relevância para o Serviço Social compreender a totalidade desses processos, para que não se reproduzam práticas fragmentadas e descontextualizadas da realidade, para que não se perca de vista o objeto de intervenção

do assistente social, a questão social, e os princípios que fundamentam o código de ética da profissão, como a defesa dos direitos humanos, da democracia, da justiça social e o direcionamento a uma nova ordem societária, desvinculada das diversas formas de exploração (CFESS, 1993).

Em vista disso é, que se propõe a refletir sobre o uso da arte como instrumento nos processos de trabalho que se inserem os assistentes sociais perante o enfrentamento da questão social, considerando que esta apresenta novas manifestações e expressões, de acordo com o movimento do real na sociedade capitalista e, que por isso, se faz necessário o desenvolvimento de iniciativas, que se pautem no alcance da realidade da população atendida (YAZBEK, 2014).

Dar conta das particularidades das múltiplas expressões da questão social na história da sociedade brasileira é explicar os processos sociais que as produzem e reproduzem e como são experimentadas pelos sujeitos sociais que as vivenciam em suas relações sociais quotidianas. É nesse campo que se dá o trabalho do Assistente Social, devendo apreender como a questão social em suas múltiplas expressões é experienciada pelos sujeitos em suas vidas quotidianas (IAMAMOTO, 2012, p.62).

A partir dessa apreensão, urge a necessidade de pensarmos em mecanismos que auxiliem com a transformação da realidade. É nesse sentido, que a dimensão técnico-operativa em consonância com as demais dimensões, busca operacionalizar a intervenção profissional. Para a materialização dessa dimensão, o assistente social se utiliza de técnicas e de instrumentos, enquanto ferramentas mediadoras (TRINDADE, 2012). Aqui cabe ressaltar, que estes são elementos que contribuem para a efetivação da ação profissional, jamais são as respostas profissionais em si (SANTOS; FILHO; BACKX, 2012).

Para isso, o Serviço Social dispõe da instrumentalidade, que é a capacidade que a profissão vai conquistando durante o exercício profissional, na medida em que atinge seus objetivos. Em outras palavras, é a articulação entre o instrumento e a intencionalidade, e é através dela que os assistentes sociais “modificam, transformam, alteram as condições objetivas e subjetivas e as relações interpessoais e sociais existentes num determinado nível da realidade social: no nível do cotidiano” (GUERRA, 2007, p.2), sendo assim constitutiva da profissão.

Considerando o exposto, acerca da dimensão técnico-operativa da profissão, cabe-se aqui, refletir a arte sobre dois prismas: matéria-prima e instrumento. A matéria-

prima para Marx (1996) é objeto de trabalho que já passou por um trabalho anterior, por exemplo, uma música pode ser tomada como matéria prima, pois para existir necessitou do trabalho do compositor, e a partir dessa música, pode-se analisar a realidade desse, os “valores, mazelas, indignações, representações, estigmas” (PRATES, 2007, p. 227), que o autor expressou através de sua composição. Em suma, pode-se utilizar a música enquanto matéria-prima para o desvelamento do real.

Mas, para além da análise e interpretação, fundamentais à realização de uma intervenção consequente, estas fontes podem ser transformadas em estratégias e utilizadas como instrumentos para o desenvolvimento de processos sociais que instiguem processos reflexivos e mediações com realidades similares (PRATES, 2007, p.227).

E aqui entra o segundo prisma mencionado, a mesma música utilizada como matéria-prima, pode ser tomada enquanto um meio para refletir a vivência de quem a escuta, uma forma de potencializar o pensamento crítico. Assim, como expõe Marx (1996, p.301) “a matéria-prima pode constituir a substância principal de um produto ou só entrar em sua formação como matéria auxiliar”.

Portanto, no presente debate toma-se a arte enquanto matéria-prima, como instrumento “inovador”, no sentido de não ser amplamente utilizado ou mesmo compreendido pela categoria (OLIVEIRA, 2011), uma vez que o movimento do real cobra dos assistentes sociais novas estratégias de intervenção, que alcancem de forma mais eficaz os sujeitos a quem se destina o trabalho profissional (YAZBEK, 2014).

Nesse sentido, a utilização da arte, em especial da música, que faz parte do cotidiano dos adolescentes, e por isso, tem sentido para este. Contudo, é importante atentar para o fato de que a arte enquanto instrumento, deve ser utilizada, mas munida da intencionalidade profissional, para que não se sobreponha ao seu objetivo, isto é, não assuma o papel de finalidade, pois é um meio para tal.

Diante do exposto, a fim de dar materialidade as discussões e proposições levantadas, nos meses de agosto a dezembro de 2017, foi realizado um projeto de intervenção na Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul (FASE/RS) com adolescentes que cumpriam medidas de internação. O projeto consistia em um grupo com encontros quinzenais, que visava através da música, discutir e refletir sobre temas referentes aos direitos humanos, no intuito de fomentar a construção de novas perspectivas de vida. Esse projeto surgiu ao constatarmos o estreitamento de

perspectivas desses adolescentes quanto a um projeto de vida ou mesmo de futuro, como evidenciado na fala de um dos deles, quanto as suas possibilidades “*prisão ou caixão*” (*sic*).

Os encontros eram divididos em três momentos: o debate acerca das músicas indicadas pelos adolescentes e os temas que dessa emergissem, a produção de rimas por parte deles e a apresentação destas. Os debates eram pautados no intuito de construir com os adolescentes, formas de enfrentamento às problemáticas que traziam, através de uma leitura crítica do que a realidade lhes oferecia.

Em uma das músicas indicadas pelos adolescentes, lia-se “quando uma mira de traçante, vender drogas vira o seu emprego, o sofrimento bate e com ele o desespero. E eu nasci soldado programado pra morrer³”. A partir dessa letra de música, a maioria dos adolescentes relatou o quanto enxergavam a própria realidade e suas vivências nela, evidenciando a concepção de que a morte na adolescência é um fato rotineiro e natural, programada para acontecer, e expõe essa vivência fragmentada pautada no presente, próprias da ideologia neoliberal (BARROCO, 2011).

No decorrer dos encontros foi sendo observado que o grupo se tornava mais aberto as discussões e mais crítico com as contradições da realidade, demonstravam reconhecimento dos seus direitos e deveres, no que configuram as leis, apresentaram reflexões sobre a igualdade, e o quanto ela se apresentava relativa, principalmente quando considerado os fatores sociais e econômicos, e como isso diferenciava o tratamento. Identificaram as violações de direitos sofridas, como violência em suas comunidades, a precarização na educação e nos serviços de saúde, expressas na composição de um dos *adolescentes* “*e depois vem as consequências, passei a vida toda no meio da violência*”.

Os produtos dessa intervenção foram positivos, levando em consideração a conjuntura atual, evidenciada pela falta e precarização das políticas públicas e ações direcionadas a esse segmento. Um dos adolescentes escreveu: “eu pensava que a FASE era o meu ninho, mas vou achar o meu caminho, que na verdade, é do lado dos meus irmãozinhos”, já outro, “eu não queria estar preso, mas se não estivesse, minha mãe ia participar de um enterro. Aqui eu conversei com a equipe técnica, elas disseram que vão me ajudar a achar uma estratégia”. Demonstraram em suas produções suas reflexões

³ Fragmento da música *Dia de Glória* do cantor MC Tcheco

acerca do papel da FASE em suas vidas e as construções de estratégias para quando egressassem, estratégias essas construídas de forma coletiva, com os adolescentes, seus familiares e profissionais da FASE.

Assim, cabe reiterar o papel transformador que a arte pode conter, “como um meio de contrapor os processos de fragmentação que o modo de produção capitalista impõe, fazendo o homem se reconhecer no palco que atua” (SCHERER, 2013, p.75), pois no contexto atual, cada vez mais atravessado pela barbárie neoliberal, é necessário se apropriar como mecanismo de resistência “de todas as estratégias que possam aguçar nossa sensibilidade para desvendar a realidade concreta, ou alongar o olhar; todas as estratégias que possam contribuir para o desenvolvimento de processos sociais” (PRATES, 2007, p.232).

Considerações Finais

Através desse artigo, procurou-se buscar as mediações possíveis entre o Serviço Social e arte e levantar possibilidades de estratégias de intervenção profissional, nesse caso, realizada com adolescentes que cumpriam medidas socioeducativas de internação. Utilizando a música, enquanto expressão artística, foram desenvolvidas discussões referentes aos direitos humanos, para que os adolescentes pudessem vislumbrar novas perspectivas de vida na realidade a qual estavam inseridos, e que pudessem construir subsídios para tais, que se fortalecessem enquanto sujeitos de direitos e protagonistas de suas histórias.

A utilização da arte também permitiu que os adolescentes reconhecessem aquele espaço no grupo como sendo deles, onde eram acolhidos e respeitados, uma vez que foi construído com e para eles, a partir de um instrumento que os era caro.

Assim, o exposto ilustra que o assistente social pode e deve se apropriar de qualquer mecanismo, que lhe permita colocar em prática seu projeto profissional, seja para compreender o real em suas muitas camadas ou para alterá-lo. O uso da arte é uma estratégia, que possui uma dimensão humana, transformadora e tem a potencialidade de instigar a consciência crítica nos sujeitos, contribuindo para a materialização do nosso projeto ético político profissional. Outro ponto compartilhado entre o Serviço Social e a arte é o seu caráter contraditório, pois ambos podem tanto contribuir para a manutenção

da ordem societária e ideológica vigente, quando para sua superação e destruição, dependendo da direção social que assumimos.

Nossa opção é por um projeto profissional voltado para a construção de práticas emancipatórias no sentido de transformar de forma positiva e propositiva a realidade, com direcionamento a um mundo mais justo socialmente, mais plural e sem qualquer tipo de exploração ou dominação e a arte pode contribuir nessa perspectiva.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AYRES, Amanda Aguiar. Teatro e Transformação social por meio da Educação Interdisciplinar. In: CONFAEB, 17., 2007, Florianópolis - SC. FAEB 20 anos, Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.ppgdesign.udesc.br/confaeb/comunicacoes/amanda_aguiar_ayres.pdf>. Acesso em: 26 out. 2018.

AZEVEDO, Suzana Rocha de Souza. **A arte na construção da identidade**: um estudo com adolescentes e professores de uma escola do campo em Rondônia. 2015. 302 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Departamento de Psicologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015. Disponível em: <http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1047/1/Suzana.%20R.%20de%20S.%20Azevedo_A%20Arte%20na%20constru%C3%A7%C3%A3o%20da%20Identidade.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. Não passarão! Ofensiva neoconservadora e Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, [s.l.], n. 124, p.623-636, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n124/0101-6628-sssoc-124-0623.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2018.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Governo do Rio Grande do Sul. Secretaria da Justiça e dos Direitos Humanos. Fundação de Atendimento Sócio – Educativo do Rio Grande do Sul. / **PEMSEIS**: Programa de Execução de Medidas Socioeducativas de Internação e Semiliberdade do Rio Grande do Sul. – Porto Alegre: SDH; FASE, 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2002.

COSTA, Ricardo da Gama Rosa. **Gramsci e o Conceito de Hegemonia**. 1. ed. Salvador: Quarteto Editora, 2011. v. 1. 70p.

DABLES, Felipe Figueras. **Música e adolescência**: Um estudo sobre as preferências musicais de adolescentes em situação de conflito com a lei. Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/30129/R%20-%20D%20>

%20FELIPE%20FIGUERAS%20DABLE.pdf?sequence=1/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. Tradução de: Leandro Konder.

GUERRA, Yolanda. **Instrumentalidade do processo de trabalho e Serviço Social**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

IAMAMOTO, Marilda. **O Serviço Social na Contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 22. ed. São Paulo, Cortez, 2012.

KONDER, Leandro. **As artes da palavra: elementos para uma estética marxista**. São Paulo: Boitempo, 2005.

KOSHINO, Ila Leão Ayres. **Vigotski: Desenvolvimento do adolescente sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético**. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Centro de Educação, Comunicação e Artes Departamento de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UEL_017e6e4c59431e4cebb7491b142d3865>. Acesso em: 03 nov. 2018.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Coleção Antropologia Social).

LIMA, Fernanda da Silva; VERONESE, Josiane Rose Petry. Medidas sócio-educativas: a responsabilização estatutária como antagonista da visão penal. In: FREIRE, S.M. (Org.). **Anais do II Seminário Internacional de Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje**. Rio de Janeiro: Rede Sírius/UERJ, 2008.

LIMA, Maria Alice Moreira. Um despertar para os sentidos da adolescência. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 349-353, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 nov. 2018.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. Rio de Janeiro, 1968. Tradução de: Carlos Nelson Coutinho.

MAHEIRIE, Katia. O processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e de Vygotsky. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MARCELINO, Betsemens Barbosa de Souza. **A música e a sua influência na vida de jovens e adolescentes envolvidos no projeto superação: uma análise crítica do discurso**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos de Linguagem,

Instituto de Linguagens, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

Disponível em:

<http://ri.ufmt.br/bitstream/1/207/1/DISS_2015_Betsemens%20Barbosa%20de%20Souza%20Marcelino.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

MARX, Karl. **O Capital**. Volume I. Livro Primeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os economistas). Tradução de: Régis Barbosa e Flávio R. Kothe.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Sobre literatura e arte**. 4. ed. Lisboa: Estampa, 1974. Tradução de: Albano Lima.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2006.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e serviço social no Brasil**: uma análise do serviço social no Brasil pós-64. 16^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Priscilla Rodrigues de. **A Instrumentalidade do Serviço Social**: A arte como Intervenção Social Emancipatória e Instrumento Inovador para o Trabalho da(o) Assistente Social. 2011. 71 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

PAIVA, Beatriz A. e HILLESHEIM, Jaime. Ainda sobre os 80 anos do Serviço Social: direitos sociais em tempos de ruptura democrática. **Textos & Contextos (Porto Alegre)**, v. 15, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/25311>>. Acesso em: 02 out. 2018.

PRATES, Jane Cruz. A arte como matéria-prima e instrumento de trabalho para o assistente social **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre v. 6 n. 2 p. 221-232. jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/2313/3244>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SALES, MioneApolinario. **(In)Visibilidade perversa**: adolescentes infratores como metáfora da violência. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-06122005-171140/pt-br.php>>. Acesso em: 20 out. 2018.

SANTOS, Cláudia Mônica dos; FILHO, Rodrigo de Souza; BACKX, Sheila. A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: questões para reflexão. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Org.). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social**: desafios contemporâneos. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 15-38.

SANTOS, Tamires Dias dos. Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural. Revista Trágica: **Estudos de filosofia da imanência**. Niterói, v. 7, n. 2, p.25-36, abr. 2014. Disponível em: <<http://tragica.org/artigos/v7n2/santos.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2018.

SCHERER, Giovane Antonio. Entre cores, tons, sons e cenários: o papel da arte como uma dimensão da vida humana no enfrentamento ao pensamento fetichizado. In: FERNANDES, Idília e PRATES, Jane C. (Org.). **Diversidade e estética em Marx e Engels**. Campinas: Papel Social, 2016.

SCHERER, Giovane Antonio. **Serviço social e arte: juventudes e direitos humanos em cena**. São Paulo: Cortez, 2013.

SOUZA, Rosângela; PEREIRA, Marco Aurélio Monteiro. A música como instrumento de resistência contra a repressão da ditadura no período em torno de 1968 a 1979. In: Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Programa de Desenvolvimento Educacional. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Curitiba: SEED, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_hist_artigo_rosangela_de_souza.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

TRINDADE, Rosa Lúcia Prêdes. Ações profissionais, procedimentos e instrumentos no trabalho dos assistentes sociais nas políticas sociais. In: SANTOS, Cláudia Mônica dos; BACKX, Sheila; GUERRA, Yolanda (Org.). **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. Juiz de Fora: UFJF, 2012. p. 69-102.

YAZBEK, Maria Carmelita. A dimensão política do trabalho do assistente social. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 120, p. 677-693, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n120/05.pdf>>. Acesso em: 8 nov. 2018.

YAZBEK, Maria Carmelita. O significado sócio-histórico da profissão. In: CFESS. Conselho Federal de Serviço Social. **Serviço Social, Direitos Sociais e Competências Profissionais**. Brasília, 2009, p.125-142.